



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS PROF. DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR DE ARRAIAS
CURSO DE TURISMO PATRIMONIAL E SOCIOAMBIENTAL**

JOILSON ARAÚJO DE TORRES

**O FESTEJO DE SANTO ANTÔNIO COMO ELEMENTO CULTURAL DA
COMUNIDADE KALUNGA DO ENGENHO II EM CAVALCANTE, GOIÁS**

**Arraias/TO
2020**

JOILSON ARAÚJO DE TORRES

**O FESTEJO DE SANTO ANTÔNIO COMO ELEMENTO CULTURAL DA
COMUNIDADE KALUNGA DO ENGENHO II EM CAVALCANTE, GOIÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Tocantins, Câmpus
Prof. Dr. Sérgio Jacintho Leonor como pré-
requisito para avaliação parcial na disciplina de
Estágio do Curso de Turismo Patrimonial e
Socioambiental, para obtenção do título de
Tecnólogo em Turismo.

Sob Orientação da Prof.^a Dr.^a Jorgeanny de
Fátima Rodrigues Moreira.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

T693f TORRES, JOILSON ARAUJO DE.
FESTEJO DE SANTO ANTONIO COMO ELEMENTO CULTURAL DA
COMUNIDADE KALUNGA ENGENHO II, CAVALCANTE - GO. / JOILSON
ARAUJO DE TORRES. – Arraias, TO, 2021.

29 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Arraias - Curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental,
2021.

Orientador: Jorgeanny de Fátima R. Moreira

1. Festejo de Santo Antonio. 2. Turismo Religioso. 3. Turismo Rural. 4.
Comunidade Quilombola Kalunga do Engenho II. I. Título

CDD 338.47

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

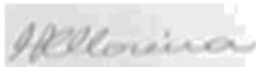
JOILSON ARAÚJO DE TORRES

**O FESTEJO DE SANTO ANTÔNIO COMO ELEMENTO CULTURAL E
TURÍSTICO NA COMUNIDADE DO ENGENHO II EM CAVALCANTE, GOIÁS**

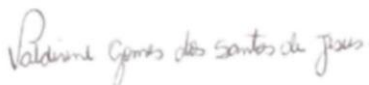
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
UFT – Universidade Federal do Tocantins -
Campus Universitário Prof. Dr Sérgio Jacintho
Leonor para obtenção do título de Tecnólogo
em Turismo Patrimonial e Socioambiental.

Data da aprovação: 15/12/2020

Banca examinadora:



Prof^a Dra. Jorgeanny de Fátima Rodrigues Moreira - Orientadora - UFT



Prof^a. Dra. Valdirene Gomes dos Santos de Jesus 1- UFT



Mestra Rosiene Francisco dos Santos - Examinadora 2- UFT

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus por ajudar-me a chegar com êxito até este final de formação.

À minha família, e de modo peculiar ao meu pai, Joaquim Cesário de Torres, à minha mãe, Maria Madalena Souza Araújo, aos meus irmãos, José Neto Souza Araújo, Sandro Araújo Torres e Carolainy Souza Araújo Batista, e a minha namorada Cedilene Evangelista Silva, além de tios, primos e amigos que me deram o devido apoio em todos estes anos.

Agradeço a cada professor pela contribuição concedida, em especial à professora Jorgeanny de Fátima, que me orientou sabiamente durante este trabalho.

À Universidade Federal de Tocantins (UFT), campus de Arraias, pela oportunidade de realizar este importante curso em seu contexto.

Aos participantes deste estudo e aos autores que já discorreram sobre pontos vinculados à temática em questão, e que disponibilizaram de seus conhecimentos e resultados a outros pesquisadores do assunto.

Enfim, agradeço aos colegas de curso e a outras pessoas que de forma direta ou indireta auxiliaram-me neste processo de construção de aprendizagem.

RESUMO

O estudo refere-se a uma pesquisa realizada sobre o Festejo de Santo Antônio na comunidade Quilombola Kalunga do Engenho II, localizada no município de Cavalcante, em Goiás. Assim sendo, o objetivo geral deste estudo consistiu em analisar de que forma o referida Festa funciona como um elemento cultural na comunidade do Engenho II. Para tanto, no campo metodológico fez-se em primeiro momento o uso da pesquisa bibliográfica em estudos já desenvolvidos sobre o assunto. Em segundo momento realizou-se a pesquisa de campo a partir da aplicação de entrevistas semiestruturadas e do uso de um roteiro de perguntas junto a 03 moradores quilombolas, os quais residem e participam há muito tempo do Festejo na localidade. Assim, pela literatura empregada e pelos relatos obtidos através dos sujeitos locais, chegou-se à confirmação inicial de que a manifestação religiosa e cultural em estudo pode ser pensada como um atrativo integrante do turismo religioso e rural, cujo potencial de crescimento e desenvolvimento econômico e social é notável tanto para a comunidade Kalunga anfitriã da festividade quanto para outras comunidades adjacentes do município de Cavalcante e da Microrregião da Chapada dos Veadeiros.

Palavras chaves: Festejo de Santo Antônio. Turismo Religioso. Turismo Rural. Comunidade Quilombola Kalunga II do Engenho II.

ABSTRACT

The study refers to a research carried out on the Santo Antônio Festejo in the Quilombola Kalunga do Engenho II community, located in the municipality of Cavalcante, in Goiás. Therefore, the general objective of this study was to analyze how this Party works as a cultural and tourist element in the QuilomboKalunga do Engenho II community. Therefore, in the methodological field, bibliographic research was first used in studies already developed on the subject. Secondly, field research was carried out through the application of semi-structured interviews and the use of a questionnaire with 03 quilombola residents, who have lived and participated in the locality for a long time. Thus, through the literature used and the reports obtained through local subjects, the initial confirmation was reached that the religious and cultural manifestation under study can be thought of as an attractive feature of religious and rural tourism, whose potential for growth and economic development and social is notable both for the Kalunga community hosting the festivity and for other adjacent communities in the municipality of Cavalcante and the Microregion of Chapada dos Veadeiros

Keywords: Feast of Santo Antônio. Religious Tourism. Rural tourism. Quilombola Kalunga II Community of Engenho II.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 01 – Imagem de Santo Antônio	11
Figura 02 – Barracão da Festa de Santo Antônio – ângulo 1	13
Figura 03 - Barraca da Festa de Santo Antônio no Engenho II – ângulo 2.....	14

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	6
2- A COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ENGENHO II: HISTÓRIA, COSTUMES, MODO DE VIDA	8
3- O FESTEJO DE SANTO ANTÔNIO: HISTÓRIA, CULTURA E RELIGIÃO.....	10
4-O TURISTA NA FESTA	14
5-POSSIBILIDADES DA FESTA COMO ATRATIVO TURÍSTICO	16
6- CONCLUSÃO.....	18
REFERÊNCIAS.....	20
APÊNDICES	23

1- INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema o Festejo de Santo Antônio como elemento cultural na comunidade Kalunga do Engenho II em Cavalcante, Goiás. A exploração do assunto desenvolveu-se entre os meses de outubro e novembro de 2020 na localidade citada.

Diante do tema em pauta é importante apresentar inicialmente a compreensão do que é uma Festa, logo, tem-se que este termo possui grande importância no contexto social e na interação entre os sujeitos, sendo definido por Santos (2006) como uma manifestação cultural que serve para demonstrar a alegria e a tradição de um povo.

E ainda, Duvignaud (1983) *apud* Castro (2012, p. 39) considera que as Festas são “[...] eventos que determinam uma ruptura da vida social caracterizada pela produção de um tempo e de uma forma de vivência momentaneamente alternativos ao cotidiano burocratizado e normatizado pelas regras de conduta social”.

Quando se trata de uma Festa religiosa é sabido que esta se refere a uma manifestação social cuja ênfase é dada a uma cultura religiosa capaz de promover a interação de diferentes indivíduos, de modo a unir as diversas diferenças em torno de uma fé, de uma crença (CASTRO, 2012; SANTOS, 2006).

Portanto, o Festejo de Santo Antônio, realizado na Comunidade Quilombola Kalunga do Engenho II, caracteriza-se como uma festa religiosa, a qual é manifestada por ritos que unem a tradição e a educação patrimonial desta comunidade com a crença católica.

Cumprе salientar que o Engenho II é um povoado integrante do município de Cavalcante, Microrregião da Chapada dos Veadeiros, de maneira a localizar-se na região nordeste do Estado de Goiás (IBGE, 2020). Trata-se do reconhecido Sítio Histórico Kalunga que abriga um povo afrodescendente, cujos ascendentes, negros escravizados, contribuíram com o seu trabalho nos arraiais de ouro da localidade para sustentar a economia portuguesa até quando perdurou o processo escravocrata no Brasil (FERNANDES, 2014).

O povoado nasce da formação de um Quilombo, entendido como ambiente de proteção e fortaleza do povo negro (MARQUES, 2013), que teve sua origem aproximada entre os séculos XVIII e XIX, isso quando os refugiados das minas da região passaram a se abrigarem em pontos afastados no intuito de conquistarem a liberdade de manifestação cultural, bem como o direito à terra e à sua exploração (MARINHO, 2017; COSTA, 2013).

Com o passar do tempo o Quilombo do Engenho II conseguiu afirmar-se enquanto povo tradicional, de forma que os seus integrantes até hoje sobrevivem principalmente do cultivo do

solo, do turismo de aventura e ecológico, de incentivos e políticas governamentais, entre outras atividades (UNGARELLI, 2009).

As festas, a colheita próspera nas roças são exemplos do lazer e da alegria experimentados pelo povo desta comunidade, sendo importante considerar que, apesar de manterem em suas tradições muitos saberes e práticas de origem africana, estes quilombolas também integraram ao modo de vida algumas tradições católicas, como bem é o caso dos festejos aos santos venerados por esta crença cristã (SIMÕES, 2018).

Neste cenário, o Festejo a Santo Antônio é identificado como uma das manifestações religiosas mais importantes do contexto desta comunidade, capaz de promover uma verdadeira interação entre públicos internos e externos (SANTOS, 2019).

Assim sendo, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar de que forma o Festejo de Santo Antônio funciona como um elemento cultural e turístico na comunidade Kalunga do Engenho II. Em complemento, os seus objetivos específicos consistem em: levantar os fundamentos teóricos em torno do Festejo e de assuntos relacionados; averiguar os aspectos referentes ao desenvolvimento do Festejo na localidade em estudo a partir da observação e dos relatos trazidos pelos participantes da pesquisa; e identificar a partir da pesquisa quais são as prováveis relações existentes entre o Festejo, a cultura e a prática turística do local.

Para isso, realizou-se a princípio o estudo bibliográfico (GIL, 2010) fundamentado em artigos científicos, dissertações, livros, e demais publicações cuja ênfase atrela-se aos propósitos desta produção.

Em segundo instante adotou-se como procedimento metodológico a pesquisa de campo realizada junto ao público-alvo compreendido pelos seguintes participantes: 01 representante da Associação Quilombo Kalunga vinculado ao Engenho II (denominado pelo pseudônimo Participante G) e 02 outros moradores do Engenho II que possuem vasto conhecimento acerca do Festejo de Santo Antônio (denominados de Participantes J e M). Tais indivíduos residem desde o nascimento na localidade, tendo faixa etária compreendida entre 26 e 52 anos de idade, de forma que 01 desses já concluiu o Ensino Fundamental, 01 o Ensino Médio e 01 concluiu o Ensino Superior.

Com este público aplicou-se a técnica da entrevista semiestruturada (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009) a partir do uso de um roteiro contendo perguntas de ordem socioeconômica e relacionadas à temática (Apêndice A). Por último, utilizou-se a cunho demonstrativo de fotografias anteriores e atuais inerentes ao local observado e à manifestação em estudo.

É relevante considerar que o desenvolvimento de uma pesquisa com esta temática é fundamental por enfatizar ainda mais o conhecimento em torno da cultura religiosa do povo

quilombola e por ajudar a compreender as possibilidades que isto pode ter em torno do que Roque (1999) considera como uma forma de desenvolvimento do turismo rural.

Neste contexto de investigação foram estudados vários autores que discorrem sobre pontos relacionados ao tema, de maneira que entre os principais encontram-se: Baiocchi (1996; 1999), Costa (2013), Damando (2003), Fernandes (2014), Marinho (2017), Marques (2011), Moreira (2011; 2012), Santos (2019), Simões (2018), Ungarelli (2009), Borges (2012), Roque e Vivian (1999), Castro (2012), entre outros.

O trabalho está dividido em tópicos que irão permitir a interação entre o que os autores dizem e os resultados obtidos durante o processo de realização desta pesquisa, a saber: Tópico I – A comunidade quilombola do Engenho II: história, costumes, modo de vida; Tópico II - O Festejo de Santo Antônio: história, cultura e religião; Tópico III - O turista na Festa; e o Tópico IV - Possibilidades da Festa como atrativo turístico, sequenciando-se pela conclusão desta investigação e descrição das referências empregadas.

2 A COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ENGENHO II: HISTÓRIA, COSTUMES, MODO DE VIDA

A comunidade Quilombola do Engenho II é representada por um povo criativo, alegre e que conseguiu manter os seus saberes e tradições ao mesmo tempo em que foi capaz de persistir com suas manifestações religiosas apreendidas e aderidas ainda no período da escravidão.

O povo deste local viveu por muitos anos esquecido e socialmente desprotegido, mas aos poucos conseguiu fortalecer-se e garantir sob muitas lutas alguns dos direitos previstos na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2010), os quais ganharam formas através de políticas públicas que abrangeram a localidade, sendo possível enumerar: o acesso à iluminação pública, ao saneamento básico, à educação pública, à saúde, ao direito à titulação de suas terras entre outros.

Em retomada ao contexto histórico, obtém-se na sustentação teórica de Moreira (2011, p. 2) que: “[...] os lugares em que os negros fugitivos se instalavam, geralmente eram fundos de vale, serras e morros. Os quilombos significavam resistência para os negros africanos, pois na cultura africana quilombo é caracterizado como lugar cercado e fortificado”.

Com isso, releva-se destacar que o quilombo do Engenho II surgiu também com este propósito de fortalecer a cultura africana, enfim, de permitir que os seus integrantes ganhassem a liberdade reprimida pelo sistema escravocrata que perdurou por longos anos no Brasil (BAIOCCHI, 1996; BAIOCCHI, 1999).

Neste local as pessoas sobrevivem em sua maioria a partir do cultivo do solo e do turismo, como bem relatou o participante G durante esta pesquisa: “[...] *a minha renda mensal varia muito, pois trabalho na roça e também como guia turístico, às vezes os ganhos passam de um salário mínimo, e às vezes nem chegam a isso*”¹.

E ainda, isso é fortalecido pelo participante J: “[...] *a minha renda mensal é menor que um salário mínimo, pois não sou assalariado e vivo dos bicos do turismo, faço uma coisinha aqui outra coisinha ali, tem mês que tiro um salário, a renda é oscilante*”².

Os moradores do local, de modo geral, assemelham-se ao participante G e aos outros que também trouxeram suas contribuições, com isso, enfatizam que a economia desta comunidade sempre esteve atrelada à produção de subsistência em seus roçados, não tendo ganhos superiores a um salário mínimo vigente em dado período.

Conforme os participantes, outros ganhos que não representam a situação da maioria dos quilombolas do lugar advêm de aposentadorias rurais, do Programa Bolsa Família, do serviço público remunerado na escola e no posto de saúde presentes neste contexto, aspectos que Ovalle e Ribeiro (2018) entendem compreender medidas de políticas públicas erigidas no seio do Estado Social de Direito, mas que não atendem a todos.

Tais relatos iniciais trazidos em muito interagem e sustentam a prevalência de pontos destacados nos estudos trazidos por Ungarelli (2009, p. 51) nesta mesma comunidade, sendo obtido que no Engenho II:

A venda dos excedentes da produção como também da farinha e do açúcar tem diminuído bastante. Devido à redução da produção, prioritariamente pela perda de terras, e também pelas alternativas de renda presentes na comunidade hoje, como o turismo, o INSS com aposentadorias, as bolsas e auxílios do governo.

Já em retorno à literatura de estudos anteriores não apenas referentes ao Engenho II, mas que foram capazes de englobar conhecimentos sobre outros povoados quilombolas da Microrregião nota-se que o modo de vida da comunidade destacada é bastante peculiar. Assim, vale observar que:

No caso da ocupação do território Kalunga, que é feita por meio do domicílio e da roça, existe uma originalidade em relação a outros grupos, como os indígenas, que certamente tinham a caça como delimitadora de território, como dos bandeirantes, com a mineração, e dos núcleos urbanos, em geral, e da empresa-agropecuária com as

¹ Entrevista concedida por G. Entrevista I. (20nov. 2020). Entrevistador: TORRES, Joilson Araújo de. Cavalcante-GO, 2020 (30 min). O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice A deste relatório.

²Entrevista concedida por J. Entrevista II. (20nov. 2020). Entrevistador: TORRES, Joilson Araújo de. Cavalcante-GO, 2020 (30 min). O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice A deste relatório.

pastagens. Isso porque a estrutura de sociabilidade territorial entre os Kalunga é construída por meio do agrupamento de famílias, vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades religiosas (MARINHO, 2017, p. 358).

Desse modo, os trabalhos coletivos, o cultivo de roças, bem como as atividades de cunho religioso são aspectos identificados como elementos centrais da cultura do povo quilombola Kalunga, do qual a comunidade ou a região do Quilombo Engenho II faz parte.

Ainda em Marinho (2017, p. 359) há a descrição inerente ao fato de que: “[...] as famílias Kalunga dependem diretamente da agricultura de subsistência, da coleta de frutos do cerrado e da criação de gado”. Nisto, é possível compreender mais uma vez a ênfase ao cultivo do solo, tendo-se a inserção de outras atividades neste contexto, enfim, da pecuária e do agroextrativismo na dinâmica desse povo tradicional.

3- O FESTEJO DE SANTO ANTÔNIO: HISTÓRIA, CULTURA E RELIGIÃO

O Festejo de Santo Antônio tem sua origem na manifestação católica trazida pelos colonizadores portugueses ao Brasil, tal devoção foi inserida na cultura preexistente de indígenas nativos e de africanos trazidos ao país para o trabalho escravo (MARINHO, 2017; BRASIL, 2001; RODRIGUES, 2011).

É compreendido que a manifestação abrange localidades do mundo inteiro, sendo adequada à particularidade e à realidade de cada lugar, sendo que além de aspectos religiosos em torno de milagres e outras curas, tal festividade passou a ser envolvida com bens culturais religiosos típicos de diferentes regiões (SOUZA, 1998), de forma que cada comunidade ressignificou os rituais das festividades.

Conta-se que o motivo da festa e devoção em outras partes do mundo, bem como no Brasil tem origem no respeito e na consideração ao papel cristão e aos milagres operados ainda durante a sua vida pelo consagrado franciscano, intitulado de Santo Antônio de Lisboa ou Santo Antônio de Pádua (SOUZA, 1998).

Estudos consideram que este ícone de fé viveu entre os séculos XII e XIII em Portugal, de modo a dedicar toda a sua trajetória ao estudo bíblico, à literatura e escrita cristã, bem como a fazer milagres e curas maravilhosas, sendo reconhecido como padroeiro não apenas para casamentos (santo casamenteiro), mas em muitas outras situações que abrangem públicos como amputados, agricultores, pescadores, gestantes, estéreis, animais, pessoas pobres e oprimidos, entre outros (BORGES, 2012; RODRIGUES, 2011).

Na figura 1 é possível identificar a demonstração de uma das imagens criadas dentro da cultura do Cristianismo para representar esse santo.

Figura 01: Imagem de Santo Antônio



Fonte: Jornal do Brasil (2020)

Sobre aspectos que envolvem os ritos comuns desta festa, tem-se a seguinte descrição:

Elementos culturais característicos dessas festividades foram, com o passar do tempo, hibridizados com aspectos culturais dos brasileiros de diversas regiões do país, tomando características particulares em cada uma delas. O ciclo junino no Brasil homenageia três santos: São Pedro, São João e Santo Antônio. Este último possui muitos devotos e é reverenciado como o Santo casamenteiro. No imaginário popular, Santo Antônio também ajuda na busca de coisas perdidas. As festividades em seu louvor incluem o levantamento do mastro, cantorias, romarias e procissões, envolvendo inúmeras crendices e superstições. O arraial, em sua tradição, é dividido em duas partes que se entrecruzam, como nas demais Festas religiosas brasileiras: reza e Festa em homenagem a Santo Antônio. A primeira delas, chamada “os responsos”, é realizada quando o santo é invocado para achar as coisas pedidas, e a segunda, designada “trezena”, é a cerimônia dedicada ao santo do dia 1 ao dia 13 de junho, com cânticos, fogos, comidas e bebidas, além de uma fogueira ao santo com o formato quadrangular (RODRIGUES, 2011, p. 51-52).

Tal descrição acaba por relatar que na esfera brasileira o Festejo a Santo Antônio, assim como a outros santos cultuados em festas juninas desenvolve-se por práticas culturais híbridas que ajudam a ligar o tradicionalismo local com a religiosidade universal (CHEIBUB, 2015).

Na comunidade do Engenho II, esta manifestação é adotada pelos quilombolas não apenas para se pedir casamentos, mas também como forma de bendizerem ao venerado Santo

pelos benefícios e vitórias recebidas no cultivo do solo (nas roças), bem como para pedirem outras bênçãos (SANTOS, 2019; MOREIRA, 2012).

De acordo com o apontamento do Participante J, o Festejo de Santo Antônio é conhecido por todos da comunidade. Entende-se, que hoje o processo de permanência da celebração do Festejo de Santo Antônio é um processo de transmissão da cultura, que foi ressignificada pela comunidade a partir de um processo de socialização entre os colonizadores, os africanos escravizados e as populações autóctones. Assim, tiveram aos seus valores religiosos somados àqueles trazidos pelos colonizadores (LARAIA, 1993).

Entende-se que tradicionalmente na cultura nacional a festa à Santo Antônio acontece em 13 de junho, vindo a compreender um dos festejos mais importantes no seio da cultura cristã, protagonizado no âmbito da popular Festa Junina (RODRIGUES, 2011).

Pelos relatos dos participantes conseguiu-se identificar que o Festejo a Santo Antônio tem sido comemorado em 13 de julho de todos os anos na comunidade do Engenho II diferentemente do que é seguido no âmbito dos demais povoados integrantes do município de Cavalcante, e mesmo do que ocorre na esfera nacional.

Contudo, todos no local têm a ciência da data original e apresentam com clareza o motivo desta alteração especialmente naquele contexto social, sendo discorrido que o adiamento da festa para o mês de julho deu-se a partir de solicitação de uma importante personagem, a professora Joselina Francisco Maia (*in memorian*), a qual trabalhava com os estudantes integrantes das primeiras turmas da escola.

Tal educadora desejava que os seus alunos participassem do giro da folia, mas como em junho eles ainda estavam em período letivo, não tinham oportunidade de participarem da manifestação cultural, tão relevante para a afirmação e resguardo das tradições do povo quilombola.

Assim, mediante consenso entre moradores, gestores do município e setor escolar conquistou-se o referido adiamento da festa para o mês de julho, considerando-se que por ser um período de férias escolares os estudantes teriam maior possibilidade de participarem do evento, e ainda, com a ampliação do turismo, a nova data acabou por favorecer a participação e o interesse de públicos externos (turistas).

À luz de estudos de Paré, Oliveira e Velloso (2007), pode-se considerar que o Festejo acabou por adaptar-se à cultura e à realidade local, vindo isso a demonstrar que apesar da origem da festa numa tradição católica, os quilombolas do lugar conseguiram manter a tradição de fé que adapta à sabedoria de modo a submetê-la ao seu modo de vida, enfim, à sua realidade enquanto uma comunidade.

Segundo relatos dos participantes (G, J e M) na comunidade o Festejo acontece de modo que o giro da folia é manifesto anualmente, sendo que a cada ano elege-se um encarregado ou responsável por coordená-la e torná-la possível.

Nesta pesquisa obteve-se a informação de que há aproximadamente dez anos a festa era realizada por intermédio apenas de doações voluntárias da própria comunidade, mas hoje a festa é mantida também com recursos financeiros oriundos do turismo.

O Participante J, por exemplo, relatou que já participou como encarregado da festa por duas vezes, de forma que desde os seus 16 anos de idade é presente no giro da folia. De certo modo, os próprios moradores entendem que o Festejo de Santo Antônio é uma cultura e uma tradição, isso porque os rituais que acontecem na festa foram transmitidos de geração para geração. Contudo, de acordo com os entrevistados, no decorrer do tempo, nem todas as famílias estão conseguindo manter tal tradição, isso em decorrência de mudança de orientação religiosa, novos acessos tecnológicos, entre outros.

No entanto, grande parte das famílias da comunidade permanece devota à Santo Antônio, sendo essas que mais lutam para que a crença religiosa e manifestação cultural subsistam frente às mudanças que já ocorrem nesta comunidade quilombola. Nas figuras 2 e 3 é possível identificar o local utilizado para a manifestação do Festejo no Engenho II:

Figura 02: Barracão da Festa de Santo Antônio – ângulo 1



Fonte: Joilson Araújo de Torres (2020).

Figura03: Barraca da Festa de Santo Antônio no Engenho II – ângulo 2



Fonte: Joilson Araújo de Torres (2020).

Os estudos de Rodrigues (2011, p. 51-52) trazem uma importante descrição que caracteriza a realização desta festa no povoado do Engenho II nos espaços/ambientes apresentados nas imagens:

A festividade é realizada com cantos e ladainhas que se iniciam com o cortejo que dá uma volta no espaço construído para a sua realização. Nesse espaço há duas tendas de madeira e palha: uma destinada à cozinha [...] e outra onde são realizados os bailes da Sussa e o Forró [...]. Essas tendas, ou ranchos, são espaços já construídos e que existem na comunidade. Na época da Festa vira local de realização da mesma. No espaço destinado à Festa encontra-se um pátio que conta com uma capela e um palco feitos para a Festa. O espaço em frente ao palco é destinado aos bailados da Sussa e logo em seguida utilizado para o Forró. Esse palco também é destinado ao sorteio dos bingos que acontecem antes das apresentações de Forró. Do lado de fora da tenda encontra-se a mesa do jantar servido para os festeiros, para a comunidade e visitantes. Ainda do lado de fora, encontram-se algumas barracas destinadas à venda de bebidas.

Portanto, essa manifestação cultural e religiosa prevalece na comunidade quilombola do Engenho II, de maneira que a criação de um espaço para recebê-la anualmente ajuda a demarcar o respeito e a continuidade desse evento que ganha dimensões não apenas nos costumes tradicionais, mas também de desenvolvimento turístico para o lugar, aspecto que será melhor discutido nos demais tópicos deste estudo.

4 -O TURISTA NA FESTA

Já se obteve a informação inicial de que na comunidade do Engenho II o turista também participa do Festejo de Santo Antônio. Mediante isso, vale considerar inicialmente que o turista

é aquele não sendo um morador do local visitado, realiza determinada viagem com a finalidade de efetuar negócios, lazer, aventura, religião, descobertas, entre outras possibilidades (AZEVEDO ITO, 2008).

Em consenso a isso, tratando-se do campo turístico, considera-se a relevância de reconhecer operações que contribuem para que tais atividades turísticas desenvolvam-se:

O turismo é formado de tipos diferentes de operações, envolvidas em diversas atividades: viagem, planejamento, transporte, entretenimento e alimentação em atendimento ao viajante. É uma atividade que ocorre há muito tempo, e é escrita e discutida entre peregrinações, deslocamentos, etc. (SILVA; GAMA DA SILVA, 2010, p. 1).

Assim sendo, compreende-se que o turismo não se baseia na simples vontade de locomover-se para um lugar por parte do visitante, mas é uma atividade complexa que exige inclusive que os anfitriões ofereçam no lugar de destino a satisfação dos interesses do viajante (CARVALHO, 2015).

Nesse pensar, tem-se que o turista que visita a comunidade quilombola durante o mês de julho faz parte do público que ali chega para louvar e participar das festividades a Santo Antônio, ao mesmo tempo em que também experimenta das operações turísticas observadas, por fim, busca nisso alguma forma de satisfação, seja esta cultural ou religiosa.

A partir dos relatos trazidos pelos participantes obteve-se a informação de que atualmente o Festejo conta com uma grande participação dos turistas que visitam a região. Em situações em que os visitantes chegam para aproveitarem as trilhas e cachoeiras conhecem os rituais, dançam o forró e participam do jantar oferecido aos foliões.

Essa situação participativa dos visitantes pode ser identificada no estudo de Rodrigues (2011, p. 52):

A Festa de Santo Antônio do Engenho II conta com a participação das pessoas desta comunidade e também de outras comunidades Kalunga que aproveitam a oportunidade para se reencontrar, estreitando os laços e vínculos com os Kalunga de outras localidades. O chamado “povo de fora” é representado por turistas e não só Kalunga moradores da região.

O envolvimento de pessoas externas na Festa realizada na comunidade quilombola, principalmente aponta para o que Roque (2012) considera ser uma manifestação de turismo rural, o qual cria conexões em torno do tradicionalismo e da religiosidade do local visitado e dos conhecimentos e interesses dos visitantes.

Com isso, acredita-se que na comunidade quilombola Engenho II o Festejo ganhou maior valorização e repercussão principalmente em decorrência da participação dos turistas que

após terem participado do evento identificaram-se com a tradição e passaram a incentivá-la de diferentes maneiras.

Entre essas participações dos turistas no Festejo de Santo Antônio identifica-se principalmente o *marketing* turístico (BRASIL, 2017) como principal ferramenta de contribuição que esses trouxeram para o evento. Portanto, muitos desses assumiram papéis em torno de ações como: filmagens, gravações, fotos da festa, divulgações em sites e em redes sociais, entre outras estratégias que estimulam e atraem novos visitantes a cada ano.

5- POSSIBILIDADES DA FESTA COMO ATRATIVO TURÍSTICO

O Festejo em estudo pode ser identificado como uma festa que pode atrair turistas durante o acontecimento de seus rituais, como o giro da folia e as danças da sussa e da curraleira, bem como a festa de arremate da bandeira. Nesse cenário rural e quilombola há anos percebe-se um importante envolvimento de visitantes que interagem diretamente com esta manifestação cultural e religiosa, pois quando estão em visita às cachoeiras da localidade acabam por se envolver ao “clima” festivo dos moradores.

Neste contexto, partindo de reflexões de Carvalho (2015) tem-se que o turismo religioso, o qual é entendido como visitação ao lugar em decorrência de conexões e interesses religiosos, faz-se presente no contexto do Quilombo do Engenho II. Todavia, é importante salientar que este não é o principal motivador da presença de turistas no local, uma vez que a presença deles durante as celebrações acontece por coincidência, ou seja, eles vão ao Engenho II por outras razões, entre elas o turismo ecológico e de aventura.

Portanto, identificou-se pelos relatos dos participantes J, G e M que o turismo religioso em torno do Festejo em estudo no Engenho II é algo que possui potencial de crescimento, tanto no sentido de valorização da cultura local quanto no que tange ao desenvolvimento social e econômico se apropriado pelo turismo.

Tais pontos são reforçados na pesquisa de Rodrigues (2011, p. 53) em torno do Festejo nesta comunidade quilombola:

A heterogeneidade do público presente no local (turistas, pesquisadores, Kalunga e até ambulantes que comercializam comidas e bebidas), acontece [...] porque como a Festa atrai muitos turistas, sendo hoje uma oportunidade para as pessoas da região ganharem algum dinheiro, ao mesmo tempo em que atualizam as suas tradições. É cobrada dos ambulantes uma taxa na época de R\$ 20,00 para o aluguel do espaço localizado em frente ao barracão da Festa. Impressionante o número expressivo de ambulantes, tendo em vista a distância do Engenho II em relação à cidade de Cavalcante, percorrida em estrada de terra pedregosa e de difícil locomoção devido às inúmeras serras.

Ao mesclarem-se os relatos atuais com a pesquisa anteriormente citada, não restam dúvidas de que o turista no Festejo pode ou não colaborar para a geração de renda às famílias, uma vez que com os produtos comercializados durante o evento são levados por ambulantes externos à comunidade.

Outro ponto destacado pelos relatos do Participante M é que além dos moradores da comunidade do Engenho II, os moradores de outras comunidades próximas e da zona urbana do município de Cavalcante, bem como de outros municípios da Microrregião da Chapada dos Veadeiros, também são devotos e participam do Festejo de Santo Antônio.

Enfim, moradores locais e regionais comercializam produtos como: bebidas tradicionais e convencionais, churrasquinhos, pratos típicos de Festa Junina (queira-se chamar julina), bem como artesanatos e outros tipos de alimentos que atraem o turista, o qual neste contexto participa do evento e também contribui financeiramente durante a noite de festividades.

Com isso, o Festejo pode tornar-se um atrativo turístico, e poderá, se bem organizado e administrado pela comunidade, uma fonte de geração de renda às famílias. Nesse sentido, esse evento poderá potencializar o desenvolvimento turístico da comunidade quilombola em estudo e de localidades conexas, uma vez que o turista interessado em participar do evento termina por deixar durante a Festa uma renda que favorece aos negócios.

Os próprios turistas terminam por elogiar a comunidade pelo evento, o que pode ser entendido no âmbito do que Gomes (2017) identifica como satisfação do cliente. Nesse caso, tem-se que há identificação dos turistas com esta manifestação cultural, de forma que o que o *feedback* positivo (opinião/retorno) que esses concedem termina por representar a possibilidade de que retornarão no próximo ano e que continuarão a influenciar mais visitantes.

Ainda, há aqueles moradores que discordam da presença de turistas no Festejo de Santo Antônio, uma vez que este é um momento de confraternização e sociabilidade dos quilombolas do território Kalunga. Além disso, a festa religiosa e tradicional é considerada um bem da comunidade, o espaço de devoção e partilha, e torná-la um atrativo para o turismo seria reduzi-la a um produto. Por isso, muitos Kalunga ainda resistem e tentam impedir que este festejo ganhe a atenção dos turistas.

6-CONCLUSÃO

O presente estudo atingiu o seu objetivo ao analisar o Festejo de Santo Antônio funciona como um elemento cultural na comunidade quilombola Kalunga do Engenho II. Tal propósito foi atingido a partir da pesquisa bibliográfica em torno do assunto e da pesquisa de campo realizada junto aos 03 integrantes da comunidade em estudo.

Inicialmente evidenciou-se que tal manifestação é compreendida no âmbito da religiosidade cuja influência é oriunda dos colonizadores portugueses que introduziram alguns costumes no Brasil, sendo aderida e apropriada por nativos e negros africanos trazidos para o trabalho escravo que incorporaram também as suas práticas religiosas.

No entanto, percebeu-se que o Quilombo erigido no Engenho II, o qual poderia ter recusado tal crença enquanto povo livre e dono da terra ocupada, que num processo inicial de aculturação essa manifestação foi apropriada e ressignificada pelos membros da comunidade e repassada enquanto bem cultural da comunidade de geração em geração, de forma criativa dessa manifestação religiosa apreendida nos anos de escravidão, mesclando esta fé já interiorizada desde os antepassados à sua realidade e ao seu modo de vida.

Em segundo instante, ao analisar-se o Festejo de Santo Antônio tal qual é desenvolvido nesta comunidade identificou-se que este é um elemento cultural por fazer parte todos os anos da manifestação religiosa e culturais dos quilombolas que ali residem.

Por outro lado, verifica-se a Festa como um elemento que possui potencial turístico, justamente por atrair de modo crescente a atenção dos turistas/visitantes de locais próximos e distantes, bem como por estimular a participação de outros comerciantes para o seu espaço. O desenvolvimento social e econômico em nível local e regional a partir do turismo durante o festejo poderá ocorrer caso a comunidade se aproprie também do comércio e resista às incursões de comerciantes externos.

Como apontaram os entrevistados e as bases teóricas utilizadas, a festa, que é um elemento cultural e tradicional, tem a tendência de ganhar dimensões semelhantes àquelas já experimentadas por cidades que são referências no Brasil e que atraem milhões de pessoas para esta mesma manifestação cultural e religiosa.

Não se pode descartar a existência de dificuldades ou desafios em torno do desenvolvimento mais pleno do turismo a partir deste evento festivo, com isso, uma situação

desafiadora é a gestão correta do espaço de realização do Festejo, isso de modo a possibilitar a melhor interação entre o cultural e o ambiental, tendo em vista que aglomerações desproporcionais podem afetar de forma negativa a qualidade do evento, e conseqüentemente o nível de satisfação dos visitantes e de outros participantes.

É relevante o entendimento de que apesar desses desafios que se colocam para serem vencidos, a comunidade Kalunga do Engenho II e os comerciantes das adjacências que participam do momento tradicional tendem a ser beneficiado com o turismo inerente à Festa, isso de diferentes formas, o que compreende desde a geração de renda/crescimento econômico até a valorização e prevalência da tradição nesse contexto, entre outros.

7-REFERÊNCIAS

AZEVEDO ITO, Claudemira. **Evolução histórica do turismo e suas motivações**. Revista Tópos, V. 2, N° 1, p. 123 - 141, 2008. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2208/2021>. Acesso em: 10 out. 2020.

BAIOCCHI, D. N. **Kalunga: Povo da Terra**. Brasília: Ministério de Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.

BAIOCCHI, M. D. N. **Kalunga: a sagrada terra**. Revista da Faculdade de Direito da UFG, Goiânia, v. 19/20, n. n.1, p. 107-120, Jan/Dez 1996.

BORGES, Simone dos Santos. **Culto e trezenas a Santo Antônio: patrimônio imaterial da cidade do Salvador e região metropolitana?** In: III Encontro Baiano de Estudos em Cultura. Faculdade São Bento da Bahia, 2012. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/Culto-e-trezenas-a-Santo-Antonio-patrimo%C3%83%C3%87nio-imaterial-da-cidade-do-Salvador-e-regia%C3%83%C3%89o-metropolitana.pdf>. Acesso em:

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil (1988)**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2010, 104p.

BRASIL. **Uma história do povo Kalunga**. Secretaria de Educação. Fundamental. Brasília: MEC; SEF, 2001, 120 p.

BRASIL. Ministério do Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. **Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil: Turismo e Sustentabilidade**. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Regionalização. Brasília, 2007, 126 p.

CARVALHO, Gisélia Lima. **A política de Turismo no Estado de Goiás: um estudo sobre as escalas institucionais de intervenção**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: UFC, 2015. 212 f.

CASTRO, JRB. **Concepções de Festa, os sentidos do festejar e as dimensões socioeconômicas, culturais e lúdicas das Festas juninas**. In: Da casa à praça pública: a espetacularização das Festas juninas no espaço urbano [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 39-84.

CHEIBUB, Michelle de Carvalho. **Patrimônio cultural e comunidades remanescentes de quilombos: direitos culturais e instrumentos de proteção do IPHAN** / Michelle de Carvalho Cheibub. – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2015. 116 fls. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Michelle_banca%20\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Michelle_banca%20(1).pdf). Acesso em: 26 out. 2020.

COSTA, Vilmar Souza. **A Luta pelo território: histórias e memórias do povo Kalunga**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo). Brasília: UnB, 2013.

DAMANDO, Giovana Isabel. **Os impactos do turismo em Cavalcante**. 2003. Disponível em: https://jbb.ibict.br/bitstream/1/1260/1/2004_GiovannaIsabelDamando.pdf. Acesso em: 10 outubro de 2020.

FERNANDES, Cecília Ricardo. **Saberes e Sabores da Cultura Kalunga: Origens e consequências das alterações nos sistemas alimentares**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2014, 142 fls. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/33553147.pdf>. Acesso em: 25 out. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa?** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Paula Oliveira. **Contribuições econômicas e financeiras do turismo no Parque nacional da Chapada dos Veadeiros**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2017, 110 fls. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23707/1/2017_PaulaOliveiraGomes.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cavalcante**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/cavalcante.html>. Acesso em: 10set. 2020.

LARAIA, Roque. **Cultura: um conceito antropológico**. São Paulo: Zahar Editora, 1993.

MARINHO, Thais Alves. **Territorialidade e Cultura entre os Kalunga: para além do culturalismo**. Caderno C R H, Salvador, v. 30, n. 80, p. 353-370, Maio/Ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccrh/v30n80/0103-4979-ccrh-30-80-0353.pdf>. Acesso em: 26 out. 2020.

MARQUES, Carlos Eduardo; GOMES, Lílian. A Constituição de 1988 e a resignificação dos Quilombos contemporâneos: limites e potencialidades. In.: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 28, no.81. fev. 2013. DOI:<https://doi.org/10.1590/S0102-69092013000100009>

MOREIRA, Jorgeanny de Fátima Rodrigues. **Paisagens culturais e territorialidades no espaço festivo dos quilombolas Kalunga em Cavalcante – Goiás**. In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador: UFBA, 2011. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/133/o/jordeanny.pdf>. Acesso em: 25 out. 2020.

MOREIRA, Jorgeanny de Fátima Rodrigues. **Folias e Festas no/do lugar Kalunga: o catolicismo popular e a tradição (re) inventada**. In: Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí: História e Diversidade Cultural, 2012. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20\(116\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20(116).pdf). Acesso em: 26 de out. 2020.

OVALLE, Luiza Aragon; RIBEIRO, Yolanda Gaffrée. Garantia de Direitos e burocracias estatais: Mediadores Universitários, protagonistas quilombolas e a tradição em disputa. Horiz. antropol., Porto Alegre, ano 24, n. 50, p. 215-242, jan./abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0104-71832018000100008>

PARÉ, Marilene Leal; OLIVEIRA, Luana Paré de; VELLOSO, Alessandra D'Aqui. A educação para Quilombolas: experiências de São Miguel dos Pretos em Restinga Seca (RS) e da Comunidade Kalunga do Engenho II (GO). Cad. Cedes, vol. 27, n. 72, p. 215-232, maio/ago. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622007000200007>

RODRIGUES, Clênio Guimarães. **Sussas e Curraleiras Kalungas: na Folia do Divino Pai Eterno da cidade de Cavalcante-GO e na Festa de Santo Antônio da comunidade do Engenho II.** 2011. 138 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

ROQUE, A. M., VIVIAN, A. M. **O turismo no espaço rural: uma estratégia para a nova gestão rural.** Revista de Administração da UFLA. Lavras, 1999.

SANTOS, Rosiene Francisco Dos. **QuilomboKalunga Comunidade Do Engenho II: Limites E Possibilidades Para O Turismo.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2019, 99 fls. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/37857/1/2019_RosieneFranciscodosSantos.pdf. Acesso em: 25 out. 2020.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 2006, 110p.

SILVA, Jaqueline Santa Rosa da; GAMA DA SILVA, Samira. **Breve histórico do turismo e uma discussão sobre a atividade no Brasil.** Três Lagoas, 2010.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2 – a pesquisa científica. In.: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42.

SIMÕES, Bruno Leonardo Damásio. **Festejos no Território Quilombola Kalunga: O Planejamento Participativo Como Instrumento De Desenvolvimento Local Sustentável.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2018, 128 fls. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32992/1/2018_BrunoLeonardoDam%C3%A1sioSim%C3%B5es.pdf. Acesso em: 25 out. 2020.

SOUZA, José Antônio de C. R. de. **"Críticas de Santo Antônio à situação socioeconômica de sua época".** In: Ullmann, Reinhold Aloysio. *ConsecratioMundi: festschrift em homenagem a Urbano Zilles.* EDIPUCRS, 1998, p. 459-560.

UNGARELLI, Daniella Buchmann. **A comunidade Quilombola Kalunga do Engenho II: Cultura, produção de alimentos e ecologia de saberes.** Dissertação de Mestrado (Desenvolvimento Sustentável). Brasília: UnB, 2009.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de Entrevista Para Pessoas Vinculadas ao Quilombo do Engenho II (Cavalcante-GO)

Sou Joilson Araújo de Torres, estudante no Curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental na Universidade Federal de Tocantins, Campus de Arraias. Gostaria de contar com a sua colaboração para responder a este roteiro de entrevista sobre o tema “O Festejo de Santo Antônio como Elemento Cultural e Turístico no Quilombo Kalunga da comunidade Engenho II”, o qual compreende a minha área de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (Relatório Técnico Científico). Agradeço desde já por sua participação.

1. Dados Socioeconômicos dos participantes

1.1 Qual é o seu Nome, por favor? _____ / Anônimo()

1.2 Quantos anos você tem? _____ () Não informar.

1.3 Há quanto tempo você vive no Quilombo do Engenho II? _____.

1.4 Qual é o seu grau de escolaridade?

() Ensino Fundamental incompleto () Ensino Fundamental Completo () Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo () Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior Completo () Especialização () Mestrado () Doutorado

1.5 A sua renda mensal está compreendida em torno de:

() Até um salário mínimo () Entre um e dois salário-mínimo () Entre dois e cinco salários mínimos () Entre cinco e oito salários mínimos () Mais de oito salários mínimos

1.6 Qual é o seu vínculo com o Quilombo do Engenho II?

() Morador afrodescendente () Afrodescendente e parente de morador () Proprietário de terra () Outra situação _____

2. Dados de campo relacionados ao desenvolvimento do Festejo no Quilombo

2.1. O que você sabe sobre o Festejo de Santo Antônio, o qual entende-se fazer parte das festividades religiosas do Engenho II?

2.2 Como acontece esse Festejo? Detalhe-o, por favor.

3. Dados de campo sobre a relação entre o festejo, a cultura e o turismo local

3.1 De que forma você percebe que o Festejo de Santo Antônio faz parte da cultura/tradição local?

3.2 Que relação você percebe entre o Festejo de Santo Antônio e o desenvolvimento do turismo no Engenho II? Enfim, a Festa tem atraído turistas para a comunidade?

3.3 Quais são os desafios e/ou possibilidades que você consegue identificar no que toca aos potenciais turísticos e socioambientais do Festejo?
